



A HISTÓRIA DE NARA

KOATAY 108

A HISTÓRIA DE NARA

VALE DO AMANHECER - TEMPLO DE OMEYOCÃN

A HISTÓRIA DE NARA

**EDIÇÃO DO ORGANIZADOR
2011**

ESTE LIVRO, NO SEU TODO OU EM PARTE PODERÁ SER REPRODUZIDO OU TRANSMITIDO, SEJAM QUAIS FOREM OS MEIOS EMPREGADOS: ELETRÔNICOS, MECÂNICOS, FOTOGRÁFICOS, GRAVAÇÃO OU QUAISQUER OUTROS SEM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA.

TEXTO ORIGINAL: TIA NEIVA - KOATAY 108
DIREÇÃO EDITORIAL: REGENTE TUMUCHY
ADAPTAÇÃO E REVISÃO: REGENTE TUMUCHY.

EDIÇÃO DO ORGANIZADOR
ST. BAIXIO DOS MONTEIROS, 00050
DISTRITO ROMUALDO - CRATO
WWW.ESCOLADOCAMINHO.COM

A História de Nara. Crato: edição do organizador, 2011.
16p
ISBN:
CDD: 920

“Muitas vezes nós pensamos que estamos sendo feridos e somos nós que estamos ferindo. Isso se dá devido à nossa incompreensão, nosso egoísmo, a pior arma que voltamos contra nós mesmos. Temos a obrigação de analisar as coisas, pois em tudo existe uma razão, um propósito. Não devemos nos queixar tanto do nosso próximo, do nosso vizinho. Com a falta de tolerância nós fazemos os nossos inimigos.”

Tia Neiva

PREFÁCIO

Amigos e amigas, saudações!

A vida humana é tecida por fios invisíveis que conectam nossas experiências, nossos sentimentos e nossas relações com o mundo e com o próximo. Em cada jornada individual, deparamo-nos com momentos de alegria e dor, de encontros e desencontros, de aprendizado e crescimento espiritual. A história de Nara, que agora se apresenta nestas páginas, é um convite à reflexão sobre esses fios que nos unem e, principalmente, sobre a forma como os enxergamos e os tocamos.

Quantas vezes, ao longo de nossa existência, nos colocamos na posição de vítimas das circunstâncias? Quantas vezes acreditamos estar sendo feridos pela vida, pelas pessoas, pelas situações que nos cercam? Esta passagem, trazida pelos olhos de Koatay 108, nos convida a olhar para além das aparências, a mergulhar nas profundezas de nossa própria consciência e descobrir uma verdade dolorosa, conquanto libertadora: muitas vezes, guiados pelo egoísmo, pensamos que somos feridos, mas, na verdade, estamos ferindo.

O egoísmo do qual ainda somos portadores é como uma lente que distorce nossa percepção da realidade. Através dele, vemos apenas nossa própria dor, nossa própria necessidade, nosso próprio desejo de ser compreendido e amado. Essa visão turva nos impede de perceber que, em nossa busca por proteção e satisfação pessoal, podemos estar causando sofrimento àqueles que nos rodeiam. O orgulho ferido, a mágoa não elaborada, o ressentimento

cultivado – todos esses sentimentos nos cegam para nossa própria responsabilidade na construção de nossos relacionamentos e experiências.

A história de Nara é um espelho no qual podemos nos reconhecer. Suas lutas, seus conflitos internos, suas descobertas e transformações ecoam em nossas próprias vivências. Através de sua jornada, somos convidados a questionar nossos próprios padrões de pensamento e comportamento, a examinar nossas motivações mais profundas e a assumir a responsabilidade por nossos atos e suas consequências.

Jesus nos ensina que somos espíritos eternos em processo de evolução, e que cada existência é uma oportunidade preciosa de crescimento e aprendizado. As dificuldades que enfrentamos, as pessoas que encontramos em nosso caminho, as situações que vivemos – tudo isso faz parte de um plano maior de desenvolvimento espiritual. Compreender essa verdade nos liberta da vitimização e nos coloca no lugar de protagonistas responsáveis de nossa própria história.

Como sair dessa prisão do egoísmo? Como romper com os padrões que nos mantêm presos em ciclos de dor e incompreensão? A resposta está no amor – não o amor possessivo e condicional que tantas vezes confundimos com o verdadeiro amor, mas o amor incondicional, aquele que transcende nossos interesses pessoais.

O amor incondicional é a força transformadora que nos permite enxergar além de nossas limitações humanas. É ele que nos capacita a perdoar, a compreender, a aceitar e a crescer. Quando amamos verdadeiramente, deixamos de lado

nossas expectativas egoístas e nos abrimos para a experiência pura do dar e receber sem condições, sem cobranças, sem medos.

Esta pequena mensagem é, portanto, mais do que uma narrativa sobre a vida de Nara. É um convite à transformação interior, um chamado para que cada leitor se reconheça em suas páginas e encontre em sua própria jornada os elementos necessários para sua evolução espiritual. É uma oportunidade de compreender que, independentemente das circunstâncias externas, somente o amor incondicional nos oferece um campo de tranquilidade e paz na vida.

Com fraternidade e luz.

A HISTÓRIA DE NARA

O dia era de intenso trabalho, como era de costume no Vale do Amanhecer.

A Clarividente Neiva fazia uma pausa aparente nas suas atividades. Conversava com suas filhas, em torno de problemas de costura da oficina do Vale. Enquanto falava de panos e cortes, sua mente ativa resolvia outros problemas. A cada momento algum mensageiro de outro plano, chegava e se entendia com ela. A gente só notava o fato pela maneira que ela movia as sobrancelhas ou interrompia o que estava falando.

Daí a poucos segundos ela se virava e invariavelmente perguntava: “O que eu estava mesmo dizendo?”.

Com o tempo a gente se acostuma com isso, e reserva o assunto para outra oportunidade. Às vezes acontece dela se transportar por momentos, e a gente tem a impressão que ela dormiu com os olhos abertos. Outras vezes ela faz gestos com as mãos ou fala alguma coisa com a voz alta. Quando isso acontece a gente procura disfarçar e finge que não viu. Mas na maioria das vezes ela se desculpa e torna a perguntar sobre o que estava falando...

Outra coisa com a qual nos acostumamos é o segredo. É muito rara a ocasião que ela diz alguma coisa do que está vendo ou falando. Talvez não seja tanto pela secretividade da coisa, mas sim por desinteresse. Neiva lida com a vida de milhares de pessoas, e a gente acaba por se desinteressar dos enredos tão complicados quanto comuns. Só o amor incondicional desperta e mantém um interesse permanente. E

esse amor só ela possui, só ela mantém com uma constância que chega a nos deixar acanhado de nós mesmos.

Ela levantou uma peça de pano para melhor exame, e seus olhos de clarividente depararam com a figura de uma jovem mulher que se aproximou com desenvoltura.

- Salve Deus! Disse Neiva:

- De onde você vem?

- Sim, tia Neiva. Eu estou aproveitando mais uma oportunidade que me foi proporcionada por Mãe Tildes e cheguei até a senhora para me esclarecer mais. Talvez a melhor forma de fazer isso seja contá-la a minha história. Conheci Mãe Tildes em meio às minhas andanças alouçadas, que fiz depois que desencarnei.

E foi contando sua estória triste:

- Eu andava feito louca e cheia de dor. Na verdade, minha dor era tão grande, que Deus na sua bondade permitiu-me caminhar na solidão, sem ser atingida pelos bandidos do espaço, apesar da minha revolta e descrença. A única coisa que me sustentava era o respeito que me devotavam devido ao amor do meu marido.

Neiva sorriu compadecida, e pediu-lhe que contasse sua história desde o princípio. Enquanto isso, ela, diligentemente, discutia com sua filha Carmen Lúcia detalhes das capas dos mestres que estavam sendo confeccionadas na oficina. E a moça começou:

- Meu nome é Nara. Eu estava com 18 anos quando conheci Tomaz, um rapaz de 20 anos. Estávamos numa festinha na casa de uma família das vizinhanças de minha casa. A dona da casa chamava-se Alice e eu gostava muito dela. Não sei se foi o ambiente agradável ou se influência da

noite chuvosa lá fora, contrastando com o conforto do interior da casa, mas o fato é que eu e Tomaz nos apaixonamos à primeira vista. Ficamos sentados, olhando um para o outro e tocamos de leve as mãos. Enquanto isso todo mundo dançava e se divertia. Foi uma noite maravilhosa e, desde então, o nosso namoro não mais foi interrompido até o casamento. Nosso noivado durou dois anos. Mas foram da mais perfeita felicidade.

Três meses depois de casados fiquei grávida, e isso foi recebido por nós com muita alegria. A primeira preocupação de Tomaz foi dar a notícia para sua mãe que morava no Sul. Ele era o único filho e ela sonhava em ter um neto. Em poucas semanas ela e Tomaz fizeram todos os arranjos para ela vir morar conosco. Nos primeiros dias tudo foi novidade e alegria. Tomaz estava eufórico, com a perspectiva do nosso filho, e, ao mesmo tempo, sentia-se alegre com a presença da mãe.

Mas, essa situação agradável durou pouco. Eu não sabia naquele tempo, mas tanto a criança que estava no meu ventre, como a minha sogra, eram meus cobradores espirituais. No princípio eram pequenos ciúmes, palavras ásperas e pequenas birras. Eu logo revidei e as coisas pegaram fogo. Nossa vida virou de uma hora para a outra: da tranquilidade para o inferno. Eu passei a atacar minha sogra com violência e ninguém entendia mais nada.

No terceiro mês de minha gravidez eu abortei. Senti-me mal, fui levada para o pronto-socorro e, quando voltei, me sentia um trapo. Deitei-me em nossa cama de casal e minha sogra desandou a falar caluniosamente. Com as feições alteradas pelo ódio e a voz gritante, ela disse, entre outras coisas:

- Foi você que provocou esse aborto! Você, sua desavergonhada, você que tem sido a desgraça do meu filho!

Nesse preciso momento, Tomaz, apareceu na soleira da porta e eu num instante percebi a tragédia inevitável. Meio tonta com a zoeira que minha sogra fazia, eu tentei levantar-me e implorei com os olhos o auxílio de Tomaz. Mas, qual não foi a minha surpresa! Suas feições se transtornaram e seus olhos pareciam sair das órbitas.

- Ouvi o que minha mãe disse! Gritou ele:

- Então você abortou, matou nosso filho!? Jamais a perdoarei!

E avançou possesso em direção à cama. Eu gritei assustada, e vi quando ele apanhou um punhal ornamental, que estava sobre a cômoda e avançou sobre mim!

Minha sogra assustada segurou-lhe o braço e eu sentei-me na cama enfrentando seu olhar de fera. Não, não é possível, pensei. Uma pessoa não se transforma assim de repente. Não podia acreditar que o homem a quem dedicava toda minha existência pudesse agir daquela maneira. Dei um grito de dor e desespero e procurei enfrentá-lo. Ele refreou um pouco o seu gesto e acena acabou tão depressa como começara. Foi como se um furacão tivesse passado naquele quarto e na minha vida. Algo fora destruído. A partir daí entramos naquela terrível situação de solidão a dois.

Esperei durante dois anos que aparecesse outro filho, mas isso não aconteceu. Quando Tomaz estava ausente eu sentia saudades dele, quando ele chegava, sentia-me distante dele. A minha solidão começou a se tornar insuportável. Tomaz então começou a beber e, quando voltava para casa, parecia uma fera. Eu tinha certeza que ele procurava outras

mulheres, e meu ciúme se tornou como um espinho no meu coração.

Certa noite Tomaz não voltou para casa, e o desespero tomou conta de mim. Imaginava as coisas que ele estava fazendo e minha angústia aumentava a cada hora que se passava. De repente não resisti mais e, procurando na cozinha, encontrei uma lata de veneno para ratos e ingeri!

Foi horrível! Comecei a me contorcer com dores terríveis, com a garganta queimando como se fosse de fogo. A impressão que tinha era que meu corpo fosse sair pela boca. E assim fiquei me retorcendo em agonia, gemendo e chorando por um longo tempo. Estava só em casa e ninguém me ouvia, ninguém me socorria. Ao mesmo tempo, eu sentia que entrava em uma espécie de transe para adormecer.

Comecei a despertar lentamente e me sentia envolvida numa espécie de massa tênue e lilás. Ouvia gritos e gemidos e não sabia se eram meus ou de outras pessoas. Continuava sentindo dores, porém elas eram um pouco destacadas de mim, como se eu estivesse longe de meu corpo. A primeira sensação que tive foi de vergonha do que havia feito.

Perdi a noção e não sei quanto tempo permaneci nesse estado. Só sei que as razões e meu gesto começaram a se apresentar e, por mais que tentasse justificar, senti que a culpa era só minha. Lembrava-me de minha sogra e de Tomaz. Comecei a sentir que eu é que havia provocado aquela situação com a pobre mulher. Se eu tivesse tido mais paciência, talvez não tivesse perdido meu filho. Tinha sido egoísta o tempo todo e só agora dava conta disso!

Às vezes ficava em dúvida, e me perguntava se o ciúme tinha sido meu ou dela. Isso me perturbava mais ainda e

minha agonia era muito grande. Já percebia que havia morrido, mas assim mesmo pensava em voltar. A lembrança da dor que passara tirava-me esse pensamento da cabeça. Não, não teria coragem de voltar aquela terrível experiência.

Subitamente fui despertada por uma voz que ressoava no ambiente que dizia:

- Espíritos suicidas, preparem-se para voltar à Terra.

Fiquei mais animada e esperançosa. Sim, voltar para a Terra, encontrar Tomaz, pedir-lhe perdão por tudo que fizera, pedir perdão à minha sogra, começar tudo de novo! Meus pensamentos ainda estavam muito embaraçados e eu me esquecia que era um simples espírito sem corpo, uma desencarnada!

A voz do guia universal continuou o sermão e a névoa lilás começou a clarear, a ponto de eu poder enxergar em torno. Vi então que estava num bem cuidado gramado pontilhado de margaridas e lírios-brancos. Comecei a me movimentar e meu pensamento era um só: ir para perto de Tomaz, pedir-lhe perdão dos meus atos.

Por fim, cheguei a uma grande plataforma que dava ideia de uma rodoviária ou de um aeroporto. O local estava cheio de gente de vozes. Acima do rumor das pessoas ouvia-se a voz do guia como se saísse de grandes alto-falantes. Nisso veio ao meu encontro um índio muito bonito com alvas penas de adorno e, não sei como, sabia que ele se chamava Pena Branca.

Ele foi me conduzindo pela mão, e me vi diante de duas bocas de túneis, uma próxima da outra. Eu vacilava em qual das duas entrar. Pena Branca havia sumido e eu sabia que tinha que tomar uma decisão. Tudo continuava envolto

naquela névoa lilás e minha indecisão aumentava a cada momento. Às vezes, ficava lúcida e no momento seguinte não sabia o que estava fazendo. Se num momento eu estava vendo e ouvindo, no momento seguinte eu nada via, como num pesadelo. De repente senti uma mão que segurava na minha e dei um grito! Tomaz, o meu querido Tomaz! Mas eu não o via, apenas o ouvia.

- Estou aqui, meu amor, venha, venha comigo, não me deixe, não me solte! O que está acontecendo?

Uma luz se fez na minha mente: ele me ama!

De repente tudo escureceu. Meu Deus, que fizera eu?! Tudo continuou a escurecer e minha mão se soltando da mão de Tomaz. Quis segurar mais forte, mas não conseguia. O outro túnel começou a me atrair e fui levada para ele. Ouvia vozes de todo tipo e até mesmo idiomas de outras línguas que eu parecia entender. Meu desespero por largar Tomaz e o conhecimento da verdade do que eu fizera cortavam-me o coração. Por que Tomaz me largou se ele ainda me amava?

Desperte na Terra, respirei e senti que estava consciente.

Minha dor era muito grande, mas meu arrependimento de tudo que havia feito era maior. Tinha consciência de haver perdido minha alma gêmea naquela escuridão na boca dos túneis e lamentava-me a sorte triste.

Não pude permanecer muito tempo naquela cogitação, porque os bandidos do espaço logo começaram a me perseguir. Corri de um lado para outro procurando proteção. Cheguei até a casa de minha sogra, porém a vi maldizendo tanto a mim que me deu medo e tive que me afastar. Ela me atribuía toda a desgraça que havia acontecido!

Perambulei pelo Rio de Janeiro indecisa. Apenas uma ideia me surgia na cabeça ocasionalmente: Brasília. Não sei se era influência do meu mentor ou se era uma lembrança do tempo de Tomaz, que falava muito em Brasília. Estava ainda nessa indecisão quando vi uma jovem que havia conhecido e que morava em Brasília. Lembrei-me direitinho do seu nome: Jeny!

Afeiçoei-me a ela e passei a acompanhá-la onde quer que ela fosse. Não sei se passou um dia ou mais, mas, subitamente, eu me vi numa linda casa, na beira de uma grande lagoa de águas limpas. Nessa casa havia algumas pessoas que falavam muito em espiritismo. Continuei acompanhando Jeny e ela acabou por ir a um grande templo.

Meio receosa, eu a segui e ela se dirigiu para o fundo do templo, parando diante de uma linda estátua de um índio. Ele tinha um penacho dourado e tão grande que tomava metade do tamanho da parede de fundo!

Estava assim pertinho de Jeny e trêmula de medo, quando senti que alguém me passava a mão na cabeça. No mesmo instante senti alívio de uma dor que sempre tivera, desde o meu suicídio. Com o alívio da dor passei a ter mais coerência na minha percepção. Comecei a prestar atenção aos movimentos no Templo. Foi quando ouvi dizendo: “Mário, a Tia Neiva está chegando” e a pessoa chamada Mário respondeu: “Edgard, pergunte a ela se vai haver indução”. Vi então quando a Tia chegou perto de Mário e me viu. A Senhora então estendeu a mão e me disse: “Venha filha”.

Depois a senhora chamou Edgard e lhe disse: “Edgard, chama a Rosa e o Josias para fazer uma passagem”. Fui então levada para perto deles e recebi a Doutrina. Comecei a me

sentir mais leve e percebi quando Pai João de Aruanda, o preto velho de Rosa, me encaminhou a uma cassandra que me levou para o Canal Vermelho.

Agora tia Neiva, eu voltei para saber notícias de Tomaz. Tenho que pedir perdão a ele, pois minha consciência não me dá sossego, principalmente depois que soube que ele também havia morrido naquela noite.

- Nara, minha filha, continuou Neiva:

- Um dia você terá que voltar, mas, não é tão fácil o reencontro com a alma gêmea. Você cometeu muitos desatinos e terá que se reajustar com isso. Muitas vezes nós pensamos que estamos sendo feridos e somos nós que estamos ferindo. Isso se dá devido à nossa incompreensão, nosso egoísmo, a pior arma que voltamos contra nós mesmos. Temos a obrigação de analisar as coisas, pois em tudo existe uma razão, um propósito. Não devemos nos queixar tanto do nosso próximo, do nosso vizinho. Com a falta de tolerância nós fazemos os nossos inimigos.

Nara ouviu em silêncio e se apressou para partir, antes dizendo:

- Salve deus, Tia Neiva, agradeça por mim ao mestre Mário Kioshi, ao mestre Edgard, o Josias, a Rosa e os outros que me ajudaram. Também quero agradecer ao Pai João que me levou para o Canal...

- Pois é, minha filha, em breve saberei onde está Tomaz, a mãe dele e vou mandar notícias a você no Canal”.

- Não tia Neiva, só preciso encontrar Tomaz. A mãe dele está viva e mora no Rio de Janeiro.

- Não, minha filha, sua sogra já morreu e está junto ao filho. Não se esqueça que você passou sete anos aqui na

Terra... Olhe Nara, naquele dia em que você encontrou sua benfeitora Jeny, eles estavam perto ajudando a você.

Como!? Eles estavam lá? E como não os vi?

- Você não os viu porque eles estavam em outro plano, embora estivessem bem junto a você! Vai minha filha, vai para o Canal e de lá você será encaminhada para outros planos. Neste mundo você nada tem mais a pagar. Você já pagou muito com seu amor e agora com seu arrependimento. Vai e que Deus a acompanhe.